

Felipe Vale da Silva

Philip de Pokanoket, de
Washington Irving: tradução e
comentários

Resumo

O artigo consiste em uma tradução de *Philip of Pokanoket: an Indian memoir* (1814) de Washington Irving, precedido por um comentário geral acerca do papel da obra na ficção histórica norte-americana.

Palavras-chave: Washington Irving; Literatura estadunidense; Romantismo; Ficção histórica; Guerra do Rei Philip

Abstract

The following article consists in a translation (into Portuguese) of Washington Irving's *Philip of Pokanoket: an Indian memoir* (1814), preceded by an overall commentary about its role in the North American historical fiction.

Keywords: Washington Irving; American literature; Romanticism; Historical fiction; King Philip's War

O papel de Washington Irving na história da literatura é singular: ele nunca parece se encaixar devidamente às posições que lhe são atribuídas. Se por um lado historiadores literários o considerem o pai do conto moderno americano, têm que lidar com o fato que Irving foi antes de tudo um escritor de relatos de viagem, e deixou somente dois contos de peso, capazes de fato de figurar em grandes antologias: *Rip van Winkle* e *The Legend of Sleepy Hollow*.

A outra atribuição comum é considerá-lo o primeiro homem de letras de seu país, inaugurador de uma literatura que tratasse de temas locais. Tanto nos dois contos já mencionados quanto naquele traduzido a seguir, *Philip of Pokanoket*, Irving tematizou a fundação da sociedade estadunidense, despertando um interesse pela exploração de temas históricos que em breve caracterizariam o primeiro grande momento na literatura da jovem nação (SCOFIEL, 2006, p. 10). Mas *Rip van Winkle* e *The Legend of Sleepy Hollow*, apesar de remeterem à Independência Americana, são um híbrido de conto de fadas e sátira social. *Philip of Pokanoket*, sendo uma ficção histórica, conta como uma objetividade muito maior, provendo a seu leitor um acesso mais direto ao que o autor entendia pelos rumos dos Estados Unidos.

Mesmo se a segunda atribuição for correta e Irving realmente for o inventor da ficção em prosa propriamente norte-americana (cf. ZAPF, 2010, p. 73), isso não o impediu de ser visto com certo embaraço por seus conterrâneos até o século XX. De fato, ele foi o mais antiamericano dos românticos. Depois de uma série de fracassos tentando viver de literatura em seu país, mudou-se para a Europa e lá ficou dezessete anos. A partir de 1822, conta com descontentamento um biógrafo (WILLIAMS, 1935, p. 208), Irving deixou relatos de viagem excessivamente bajuladores de tudo que fosse estrangeiro. Tal crítica não é de todo injusta, mas tenhamos em conta como o elemento estrangeiro atua nos textos do autor. Se comparamos o tratamento do tema nos textos tardios de Irving com o relato sobre a vida indígena em *Philip of Pokanoket*, constatamos um traço comum: geralmente as figuras estrangeiras (e indígenas) aparecem para contrapor a ianque. É como se elas servissem de base para que a crítica dos rumos dos Estados Unidos da América pudesse desenrolar-se. E tal crítica era, na maioria das vezes, impiedosa.

* Felipe Vale da Silva – Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Os textos de Irving põem em questão três valores que, até poucas décadas, resistiram praticamente incontestados no país: o protestantismo, a crença no progresso e na democracia liberal (que ele, como Tocqueville, via como uma falsa igualdade, dependente de uma criação forçada de consenso). Aqui reside o que há de mais atual em Irving: aquilo que ele critica nos Estados Unidos da América como jovem nação é relevante para pensarmos o Estados Unidos da América como centro do imperialismo do século XXI.

Observemos o exemplo de *Philip of Pokanoket* por um instante.

Philip foi o nome atribuído a Metamocet (ca. 1639–1676), líder dos Wampanoags e figura de atuação central em uma guerra que durou entre 1675 e 1676. A chamada Guerra do Rei Philip desencadeou a grande crise do período colonial, trazendo consequências devastadoras para as relações diplomáticas entre colonos e os nativos, assim como para a economia local. Em termos de perdas humanas, foi proporcionalmente o conflito mais destruidor em território norte-americano. Calcula-se que um a cada dezesseis homens em idade militar perdeu a vida no primeiro ano de guerra. Metade das cidades da Nova Inglaterra foram seriamente danificadas, doze delas sendo reduzidas a ruínas (cf. SLOTKIN; FOLSOM, 1978, p. 3–4).

Nomear a guerra a partir de Philip já é forçar uma interpretação dela; que sentido faz atribuir um conflito de grandes proporções como esse às ações de um único agente? Seria como chamar a Segunda Guerra Mundial de Guerra de Hitler ou Mussolini; a designação deriva de uma simplificação de eventos que qualquer historiador atual evitaria. Há duas respostas possíveis para a questão posta acima: **(1)** essa atribuição é fundamentalmente injusta, ou **(2)**, sendo injusta ou não, essa atribuição foi mantida por historiadores por facilitar a compreensão do evento (cf. LEPORE, 1999).

Começemos pelo segundo caminho. O rei Philip foi sem dúvidas a figura mais emblemática daquele contexto. Ele foi o último *sachem* de uma dinastia poderosa dos Wampanoags, filho de Massassoit, um líder benevolente que recebeu os peregrinos do Mayflower e, em 17 de agosto de 1621, fez parte da primeira cerimônia de Ação de Graças. Para os puritanos, deparar-se com a hospitalidade de Massassoit, após anos fugindo da perseguição religiosa na Inglaterra, parecia indicar um futuro promissor no novo continente.

Em 1661 o *sachem* morre e é sucedido por seu primogênito, Alexander. Irving justifica o início da crise colonial como um misto de problemas relacionados com a sucessão e da arrogância anglo-saxã:

[Alexander] possuía um temperamento sagaz e impetuoso, e nutria um orgulho persistente em relação a seus direitos herdados e dignidade. Os métodos intrusivos e conduta ditatorial dos estrangeiros causaram-lhe indignação, cujas guerras devastadoras com as tribos vizinhas ele assistiu com inquietude. Logo viu-se fadado a experimentar da hostilidade deles, sendo acusado de conspirar com os Narragansetts e contra os ingleses, com o fim de expulsá-los da terra (IRVING, 1910, p. 303-4).¹

Alexander, e depois Philip, foram pouco simpáticos ao que o homem branco representava. A história de suas infâncias é paralela a um período de multiplicação e prosperidade da população inglesa nas colônias. O anglo-saxão se tornava maioria étnica no território, e seu programa missionário começava a interferir no cotidiano indígena, levando à destruição dos laços culturais que, outrora, foram o cimento da vida comunitária tribal. Logo surgiam *praying towns* como Natick, povoadas exclusivamente por índios convertidos e missionários. Além disso, uma legislação territorial invasiva começou a ser posta em prática pelo homem branco e — com certa razão — foi considerada uma afronta tanto à soberania indígena sobre a terra de seus antepassados, quanto à independência política que gozavam (cf. SLOTKIN; FOLSOM, 1978, p. 29). Em outro episódio narrado por Irving, Alexander é capturado e coagido a justificar-se perante um tribunal colonial, sob suspeitas de conspiração. No final do processo ele é inocentado, mas, diz a crônica, a humilhação que sofreu perante seu povo foi tão grande que Alexander sucumbe logo em seguida, dando lugar a seu irmão Philip.

Naqueles tempos de difícil diplomacia com os colonos, um Massachusett convertido, John Sassamon, torna-se braço direito de Philip, passando a atuar como tradutor e mediador das relações com os colonos. Mas logo ele torna-se alvo de suspeitas — Irving opta por uma versão da história segundo a qual Sassamon foi revelado como espião dos colonos. Há uma versão alternativa do caso (cf. LEPORE, 1999, p. 40) que conta como Sassamon, a mando do missionário John Eliot, insistiu tanto em suas tentativas de converter Philip ao cristianismo que foi dispensado pelo *sachem*. Independente do que ocorreu, em 29 de janeiro de 1675 seu

¹ “[Alexander] was of a quick and impetuous temper, and proudly tenacious of his hereditary rights and dignity. The intrusive policy and dictatorial conduct of the strangers excited his indignation; and he beheld with uneasiness their exterminating wars with the neighboring tribes. He was doomed soon to incur their hostility, being accused of plotting with the Narragansetts to rise against the English and drive them from the land.” Esta e todas as traduções subsequentes são de minha autoria.

corpo foi encontrado dentro do lago Assawompset. E assim começa o conflito. Esse momento em diante preenche a maior parte da narrativa de Irving.

Encaremos o que foi relatado até então. A ironia da história é que, no espaço de uma geração, o que iniciou como uma relação amistosa entre nativos e colonos se reverteu em uma série de assassinatos e massacres. Essas hostilidades, por sua vez, ainda não haviam cessado na época de Washington Irving e das políticas genocidas do presidente Jackson. Se no dia 17 de agosto de 1621 Wampanoags e colonos jantaram juntos, no dia 12 de agosto de 1676, o corpo do rei Philip era arrastado do monte Hope às ruas de Boston por um comboio. Chegando à cidade, sua cabeça foi separada do corpo, colocada em uma estaca e guardada para uma ocasião especial: cinco dias depois a cerimônia de Ação de Graças seria celebrada, e aquele troféu de guerra tinha um papel especial no festival. Relatos da época contam que a cabeça de Philip foi posicionada no centro da cidade para deleite da população. O líder puritano Increase Mather chegou a atribuir aquela captura a uma interferência da Providência: ecoando o Salmo 74:14, afirmou que Deus havia provido sua cabeça “aos habitantes do deserto para ser carne no dia exato de seu solene festival” (apud LEPORE, 1999, p. 174).²

Philip é emblemático na historiografia colonial pois foi retratado como tal desde o momento de sua captura, eleito como símbolo de um mal a ser domado pela civilização anglo-saxã no Novo Mundo. Aqui reside o que identifiquei acima como a atribuição injusta do nome de Philip para o conflito. A historiadora americana Jill Lepore (1999, p. 67–8) fez uma colocação que pode nos auxiliar neste momento. Se a experiência histórica norte-americana nos ensina algo, é que um governo precisa vencer suas guerras duas vezes: primeiro pela espada, depois pela pena. Isto é: o que se escreve sobre uma guerra define como ela será lembrada, e a legitimará ou não perante os olhos das gerações futuras. Levando isso em conta, pensemos o que diferencia as guerras coloniais de todas as subsequentes: apenas um lado da batalha tinha a vantagem do letramento. Os indígenas não puderam escrever sua versão dos ocorridos, pois os poucos que sabiam ler e escrever já haviam sido convertidos e aculturados pelos colonos. O texto de Washington Irving foi um dos primeiros a tentar prover uma versão alternativa dos fatos; e ele se inicia justamente com uma nota de ceticismo acerca dos relatos coloniais consultados:

² “[...] to be meat to the people inhabiting the wilderness [...] the very day of their solemn Festival”.

É de se lamentar que os primeiros escritores a tratarem do descobrimento e povoamento da América não nos tenham deixado relatos mais detalhados e claros acerca dos caracteres notáveis formados a partir da vida selvagem. As anedotas esparsas que chegaram até nós são repletas de peculiaridades e viés [...] (IRVING, 1910, p. 300).³

Em uma nota de rodapé posterior, Irving explicita a quem se referia ao mencionar os “primeiros escritores” coloniais: tratava-se de Increase Mather, o ministro puritano da colônia do Massachusetts que mais tarde se tornou infame em função da participação ativa nos julgamentos de bruxaria em Salém, em 1692. Consideremos o que Mather disse sobre as causas da guerra em *A Brief History of the War*: “Sem dúvida uma das razões pelas quais os índios assassinaram John Sausaman foi por ódio a sua religião, pois ele, sendo cristianizado e batizado, estava pronto para repreender os índios ignorantes de Deus por suas depravações” (MATHER, 1676, p. 11).⁴ Mais tarde, seu filho Cotton Mather escreveu uma volumosa história da Nova Inglaterra, intensificando o retrato monstruoso de Philip: “os índios Nipmuck, outra nação aliada ao plano de Philip, começaram a ‘philipizar’ [*to philippize*] por meio de assassinatos bárbaros” (MATHER, 1702, p. 47).⁵ A criação do neologismo *to philippize* é típica da retórica hiperbólica e desajeitada dos puritanos. Ao cunhá-lo, Mather ajudava a fixar no imaginário norte-americano a impressão de vilania de um dos primeiros líderes nativos a tentar reunir uma confederação pan-índigena contra os invasores cristãos. A guerra contra os índios tornou-se uma metáfora para toda a história daquela sociedade. Os puritanos viam-se como uma vanguarda do protestantismo, como um povo escolhido por Deus para o qual o novo continente havia sido designado; era seu direito dominar o território a oeste, ainda que isso custasse o extermínio dos pagãos (cf. ANTELYES, 1999, p. 99–100). O tom central dos relatos coloniais da Guerra do Rei Philip foi, assim, essencialmente apologético, baseado em uma leitura teológica da história que ressaltava a impossibilidade de os

³ “It is to be regretted that those early writers, who treated of the discovery and settlement of America, have not given us more particular and candid accounts of the remarkable characters that flourished in savage life. The scanty anecdotes which have reached us are full of peculiarity and interest [...]”

⁴ “No doubt but one reason why the Indians murdered *John Sausaman*, was out of hatred against him for his religion, for he was Christianized and baptiz’d, [...] and was wont to curb those Indians that knew not God on the account of their debaucheries [...]” (grifo do autor).

⁵ “[...] the Nipmuck-Indians, another Nation of them that were Well-willers to Philip’s Design, began to *Philippize* in Barbarous Murders” (grifo do autor).

indígenas serem domados; eles eram menos que humanos, algo de elementarmente maligno havia em sua língua e cultura. Novamente nas palavras de Cotton Mather:

Com toda a certeza a melhor coisa que podemos fazer para nossos índios é anglicizá-los [...] Mal podem eles manter a própria língua sem que ela fique uma mancha das demais inclinações selvagens, que lhe caem mal, seja para a honra [pessoal], seja para os desígnios do cristianismo (apud LEPORE, 1999, p. 44).⁶

Isso significou um momento de virada na literatura apologética. Até então, na altura de 1670, os escritos dos missionários tendiam a enfatizar o potencial de conversão do indígena. Após as narrativas sobre a Guerra do Rei Philip, a tendência era retratá-los da pior perspectiva possível (cf. SLOTKIN; FOLSOM, 1976, p. 18). Igualmente, tentativas de converter e educar os nativos cessaram; o programa missionário de John Eliot e das *praying towns*, por exemplo, foi imediatamente descontinuado. Isso definiu tanto o futuro das relações nativos-colonos, quanto da representação da figura do indígena na literatura americana. Pensemos nos contos de aventuras do final do século XIX e em todo o imaginário da expansão a oeste, assim como nos filmes de faroeste do século XX: o motivo central dessas narrativas é a ideia de que homem anglo-saxão traz a missão de conquistar o elemento selvagem e incivilizado — do qual o índio supostamente faria parte (cf. ANTELYES, 1999, p. 99).

Aqui encontramos uma chave para compreender alguns aspectos de *Philip of Pokanoket*. Irving valeu-se de um registro literário célebre na Europa da época — a ficção histórica — em que o escritor remetia a quadros idealizados do passado a fim de retratar a vida dos grandes heróis nacionais. Em Sir Walter Scott, por exemplo, os grandes heróis são aqueles que historicamente ofereceram resistência ao imperialismo inglês; no *Götz von Berlichingen* (1773) de Johann Wolfgang Goethe, são os cavaleiros que resistem à corrupção das cortes e a uma nova era de absolutismo. Mas a América de Irving não tinha um passado medieval ao qual se podia recorrer; isso tornou sua idealização da figura do herói indígena algo distinta na história da literatura. A manobra de Irving é essencialmente revisionista: tratava-se de questionar o mito do destino manifesto que começa nos pioneiros e persistia

⁶ "It is very sure the best thing we can do for our Indians is to Anglicize them [...] They can scarce retain their language, without a tincture of other savage inclinations, which do but ill suit, either with honor, or with the design of Christianity".

em sua época, agora em formato secularizado, com o projeto de expansão para o oeste. Na leitura do autor, a vitória do homem branco sobre os nativos foi determinada não pela influência divina, mas por uma mistura de pavor supersticioso e oportunismo dos colonos — em outras palavras, por irracionalidade e imoralidade. Philip se reverte em mártir da história; ele deixa de ser um agente do mal para tornar-se detentor de virtudes que os americanos do futuro deveriam resgatar (cf. SLOTKIN; FOLSOM, 1978, p. 19):

[ele foi] perseguido enquanto vivo, difamado e desonrado quando morto. Se, contudo, considerarmos mesmo as anedotas preconceituosas relegadas por seus inimigos, podemos perceber nelas traços de caráter amável e elevado, suficientes para despertar nossa simpatia por seu destino e respeito por sua memória. [...] Ele foi um patriota, ligado à sua terra natal — um príncipe leal a seus súditos e indignado com os erros que cometiam —, um soldado ousado na batalha, firme na adversidade, resistente à fadiga, à fome, e a toda variedade de sofrimento físico, além de pronto para morrer pela causa a qual se dedicava [...], dotado de qualidades heroicas e provas de valentia que haveriam feito a honra de um guerreiro no mundo civilizado (IRVING, 1910, p. 318–9).⁷

Agora cabe a nós responder: que sentido havia em tecer tal crítica do etnocentrismo dos colonos uma vez que o declínio indígena era um fato consumado? Como adiantei, a morte de Philip serviu justamente de divisor de águas na história do país — foi o evento que inverteu o quadro de dominação composto pelos imigrantes europeus e povos nativos de uma vez por todas. A partir de então, a América era branca, anglo-saxã e protestante. Entre esse e eventos como a Trilha das Lágrimas de 1831, além de constantes realocações de tribos nativas para reservas cada vez menores, há um encadeamento coerente. Aí entra Washington Irving; ao optar por tal tema, deu continuidade ao projeto romântico de revisão da história nacional — projeto que encontrou um sucessor no *The Pioneers* (1823) de James Fenimore Cooper e na crítica de Nathaniel Hawthorne à mentalidade puritana em *The Scarlet Letter* (1850). Essa revisão não só fornecia novos conteúdos sobre o passado colonial, mas novos termos a partir dos quais a história podia ser julgada. Os juízos morais de Irving se

9

⁷ "[he was] persecuted while living, slandered and dishonored when dead. If, however, we consider even the prejudiced anecdotes furnished us by his enemies, we may perceive in them traces of amiable and lofty character sufficient to awaken sympathy for his fate, and respect for his memory. [...] He was a patriot attached to his native soil, -- a prince true to his subjects, and indignant of their wrongs, -- a soldier, daring in battle, firm in adversity, patient of fatigue, of hunger, of every variety of bodily suffering, and ready to perish in the cause he had espoused. [...] With heroic qualities and bold achievements that would have graced a civilized warrior [...]"

sobrepõem aos ditames do protestantismo, por exemplo — os puritanos de seu conto são amorais — e declara polemicamente que a experiência estadunidense até então fora definida por um misto de crueldade e medo irracional do elemento estrangeiro.

Irving também ocupa uma posição proeminente na fortuna crítica da Guerra do Rei Philip. Ao considerar o olhar do indígena na batalha, ele ocasionou uma revisão geral de sua imagem não só na cultura popular, como também na historiografia. A cultura do romantismo encontrou diversos temas a partir da convicção de que o caráter nacional devia ser analisado e então ser julgado. A América, por fim, ainda estava por ser formada. Em partes ela era o resultado do encontro de populações nativas, ingleses, imigrantes europeus e negros de origens diversas (embora os últimos tenham passado praticamente despercebidos pelos textos de Irving, Hawthorne e Cooper). A revisão visada aqui era de caráter metodológico e, sobretudo, ético.

Cooper e Irving contribuíram para a criação de uma subcultura de conscientização, que certamente se deu a custo da idealização da figura do nativo. Mas havia um alvo claro nessa manobra. Buscava-se uma redefinição da identidade americana que fosse propriamente secular e menos idealizada que as leituras feitas pelo romantismo europeu. Diferente do que ocorria em Walter Scott, por exemplo, a identidade nacional não se encontraria em um passado mítico, no *Volksggeist*, mas foi proposta como um campo ainda aberto a negociações de valores. Tal idealização funcionou como uma categoria heurística do pensamento, e atuou no contexto norte-americano como ferramenta de combate ao senso comum e preconceitos herdados da época anterior. Diversas vertentes de romantismo se formaram a partir da mesma missão – todas sob a mesma convicção de que o mundo e a sua história deveriam ser repensados. Repensá-los significa estudá-los sob novas perspectivas, de forma a desvendar os pontos obscuros do passado e ensinar os indivíduos quais expectativas eles podiam ter do futuro.

Philip de Pokanoket: um memorial indígena (1814)⁸
por Washington Irving

*O rosto, qual estátua brônzea, permanece-lhe impassível,
e tocado pela dor, nada abala-lhe o espírito,
ensinado a tolerar, desde o berço esculpido
os limites lancinantes da dor e do prazer
teme apenas a vergonha de sentir-se coagido
Do estóico do bosque, pranto algum jamais se vê.*
CAMPBELL.

É de se lamentar que os primeiros escritores a tratarem do descobrimento e povoamento da América não nos tenham deixado relatos mais detalhados e claros acerca dos caracteres notáveis formados em meio à vida selvagem. As anedotas esparsas que chegaram até nós são repletas de peculiaridades e viés; elas nos aproximam da natureza humana por relances, comparando aquilo que o homem é em um estado primitivo com aquilo que deve à civilização. Há alguma coisa própria do charme da descoberta em observar esses traços selvagens e inexplorados da natureza humana — em testemunhar, por assim dizer, o despontar nativo do sentimento moral, e perceber aquelas qualidades generosas e românticas que vêm sendo cultivadas artificialmente pela sociedade vegetando em robustez espontânea e magnificência agreste.

Na vida civilizada, em que a felicidade e, no fundo, praticamente toda a existência de um homem dependem tanto das opiniões de seus comparsas, ele está constantemente atuando um papel decorado. Os traços corajosos e peculiares do caráter nativo perdem-se com o refinamento ou esmorecem por meio da influência niveladora daquilo que chamamos boa criação, e ele recorre a tantas pequenas trapaças e se priva de tantos sentimentos generosos em prol de popularidade, que é difícil distinguir seu caráter real do artificial. O indígena, ao contrário, livre das restrições e refinamentos da vida civil, e em grande medida um ser recluso e independente, obedece aos impulsos de sua propensão ou aos ditames de seu juízo; e assim os atributos de sua natureza, fluindo livremente, desenvolvem-se de forma unicamente grandiosa e impactante. A sociedade é como um gramado onde toda irregularidade é suavizada, todo abrolho arrancado, e onde o olhar se deleita com a visão sorridente da esplanada aveludada e verdejante; aquele, porém, que estuda a natureza em

⁸ Tradução feita a partir da *Fulton edition* das obras de Irving, de 1910. Ver referências bibliográficas.

sua selvageria e variedade, deve adentrar a floresta, deve explorar o vale, deve buscar a fonte de uma torrente e encarar o precipício.

Tais reflexões surgiram após a leitura de um livro sobre história colonial em que são narradas, com grande ressentimento, as afrontas dos indígenas e suas guerras contra os colonos da Nova Inglaterra. Mesmo a partir dessas narrativas parciais, chegamos à dolorosa conclusão de que é possível retrazar os passos do processo civilizatório por rastros de sangue dos aborígenes; quão facilmente os colonizadores, movidos pela sanha da conquista, partiram para a hostilidade, e quão impiedosa e exterminadora foi sua luta. A imaginação encolhe-se com a ideia de quantas criaturas dotadas de intelecto foram dizimadas, quantos corações bravos e nobres, moldados a partir do mais nobre troquel, foram despedaçados e relegados às cinzas.

Assim foi o destino de PHILIP DE POKANOKET, um guerreiro indígena cujo nome, outrora, aterrorizou todo o Massachussets e o Connecticut. Ele foi o mais distinto dentre numerosos *sachems* que governavam os Pequods, os Narragansetts, os Wampanoags, além de outras tribos ao leste, nos tempos do primeiro povoamento da Nova Inglaterra — um agrupamento aborígene de heróis inatos que travaram a batalha mais nobre de que a natureza humana é capaz, lutando até o último fôlego por seu território, sem a esperança da vitória ou o pensamento do renome. Dignos de uma era de poesia e personagens ideais para anedotas locais e para a ficção romântica, mal encontramos traços fieis deles nas páginas da história, embora ergam-se como sombras gigantescas na luz bruxuleante da tradição.⁹

Quando os peregrinos (como os colonos de Plymouth chamam seus descendentes) encontraram refúgio das perseguições religiosas do Velho Mundo nas praias do Novo, sua situação era extremamente sombria e desencorajadora. Estando em números pequenos, número que diminuía rapidamente em função de doenças e demais infortúnios, assomado ao fato de se verem rodeados por ermos uivantes e tribos selvagens, expostos aos rigores de um inverno quase glacial e vicissitudes de um clima em constante mutação, suas mentes foram ocupadas por premonições sinistras, e nada além de forte excitação da inspiração religiosa foi capaz de os impedir de cair em pleno desespero. Em tal situação de desamparo, eles receberam a visita de Massasoit, um chefe sagamore dos Wampanoags, um poderoso chefe

⁹ Durante a revisão deste artigo o autor foi informado que um poeta inglês de renome há pouco tempo havia terminado um poema heroico acerca da história de Philip de Pokanoket (*nota de Washington Irving*).

que governava uma grande extensão de território. Ao invés de aproveitar a vantagem numérica que tinha sobre aqueles estrangeiros, expulsando-os dos territórios invadidos, pareceu de pronto propenso a devotar-lhes uma amizade generosa, estendendo-lhes os ritos de hospitalidade primitivos. Ele chegou ao povoado de Nova Plymouth no início da primavera, acompanhado por alguns dos seus, estabeleceu uma liga solene de paz e amizade e vendeu aos peregrinos parte de seu terreno, prometendo-lhes assegurar a boa disposição de seus aliados selvagens. O que quer que se diga da perfídia dos indígenas, é certo que a integridade e boa fé de Massasoit nunca foi posta em questão. Sua amizade com os homens brancos manteve-se firme e magnânima, e ele tolerou vê-los a expandir suas posses e fortificarem-se na terra, sem em nenhum momento demonstrar inveja de seu poder e prosperidade crescente. Pouco antes de sua morte, voltou a Nova Plymouth com o filho Alexander, com o propósito de renovar o acordo de paz e de assegurá-lo para a posteridade.

Nesse encontro, esforçou-se para proteger a religião de seus antepassados do afinco e intrometimento dos missionários, estipulando que não mais tentassem afastar seu povo de sua antiga fé; contudo, vendo que os ingleses se opunham a seus termos com obstinação, ordeiramente desistiu de sua demanda. Uma de suas últimas ações foi trazer os dois filhos, Alexander e Philip (como eram chamados pelos ingleses) à residência de um colono principal, recomendando-lhes gentileza e confiança mútua, e suplicando que o mesmo amor e amizade existente entre si e os homens brancos fossem transmitidos à sua prole. O bom e velho *sachem* morreu em paz, e com deleite juntou-se a seus antepassados antes que o pesar acometesse sua tribo; seus filhos ficaram para vivenciar a ingratidão dos homens brancos.

Seu filho mais velho, Alexander, sucedeu-lhe. Ele possuía um temperamento sagaz e impetuoso, e nutria um orgulho persistente em relação a seus direitos herdados e dignidade. Os métodos intrusivos e conduta ditatorial dos estrangeiros causaram-lhe indignação, cujas guerras devastadoras com as tribos vizinhas ele assistiu com inquietude. Logo viu-se fadado a experimentar da hostilidade deles, sendo acusado de conspirar com os Narragansetts e contra os ingleses, com o fim de expulsá-los da terra. É impossível dizer se tal acusação se baseava em fatos ou era fundada em meras suspeitas. É evidente, porém, que os colonos, considerando suas medidas violentas e arrogantes, passaram a ganhar consciência da rápida expansão de seus poderes, e logo tornaram-se mais e mais rudes e desrespeitosos em seu trato com os nativos. Enviaram uma milícia armada para capturar Alexander e trazê-lo perante seus tribunais. Os rastros que este deixara em uma caçada foram seguidos, e

Alexandre foi surpreendido em uma cabana onde repousava com um grupo de companheiros, todos desarmados, após a cansativa caça. A brusquidão dessa prisão e disparate que representava à sua soberania pesou sobre os sentimentos irascíveis do selvagem orgulhoso, a ponto de pô-lo em uma febre de nervos. Foi-lhe permitido voltar para casa sob a condição de que enviasse seu filho como garantia do retorno; mas o choque recebido foi fatal, e antes mesmo de atingir seu lar, sucumbiu às agonias de um espírito ferido.

O sucessor de Alexander foi Metamocet, ou rei Philip, como era chamado pelos colonos por conta de seu espírito exaltado e temperamento ambicioso. Tais traços, juntamente com sua renomada energia e espírito de iniciativa, tornaram-no objeto de grande inveja e apreensão, e ele foi acusado de ter sempre nutrido certa hostilidade secreta e implacável contra os brancos. Muito provável e naturalmente era esse o caso. A princípio, ele os considerava como nada além de intrusos no país, que primeiramente se aproveitaram de sua indulgência, para então passar a exercer uma influência destrutiva à vida selvagem. Viu toda uma raça de seus conterrâneos sendo extirpada da face da terra, seus territórios escapando-lhes das mãos, e suas tribos tornando-se débeis, dispersas e dependentes. Pode-se dizer que o solo foi inicialmente comprado pelos colonos; mas quem não conhece a natureza das transações indígenas nos períodos iniciais da colonização? Os europeus sempre fizeram boas barganhas, valendo-se de sua habilidade superior em negócios, anexando vastos terrenos após provocarem hostilidades sem grandes dificuldades. Um selvagem destituído de educação nunca é um bom inquiridor em refinamentos de lei, por meio da qual um dano lhe pode ser infligido, gradual e legalmente. Ele faz seus julgamentos a partir de fatores mais evidentes, e foi o suficiente para Philip saber que antes da intrusão dos europeus, seus conterrâneos eram os senhores da terra, mas que agora haviam se tornado nômades nos territórios de seus antepassados.

Mas seja lá qual tenha sido seu sentimento de hostilidade geral e sua indignação particular relativa ao trato com seus irmãos, suprimiu-os por ora, renovou o contrato com os colonos, e residiu pacificamente por muitos anos em Pokanoket, ou, como era chamado em inglês, monte Hope,¹⁰ o antigo centro do domínio de sua tribo. Contudo, suspeitas, inicialmente vagas e indefinidas, passaram a tomar forma e consistência, e foi acusado por

¹⁰ Hoje Bristol, Rhode Island (*nota de Washington Irving*).

fim de tentar instigar uma revolta de diversas tribos orientais que, por esforço simultâneo, livrar-se-iam do jugo de seus opressores. É difícil, de uma era distante, dar o devido crédito a essas antigas acusações contra os indígenas. Havia certa predisposição da parte dos brancos à suspeita e uma prontidão aos atos de violência, que davam peso e importância a todo e qualquer caso ocioso. Inúmeros informantes surgiram; favores e recompensas foram concedidos aos espalhadores de rumores, e a espada foi prontamente desembainhada assim que a vitória dos brancos se mostrou segura. Assim, eles implementaram seu poder.

A única evidência definitiva registrada contra Philip foi a acusação de um tal Sausaman, um índio renegado, cuja astúcia natural fora amplificada pela educação parcial que recebera junto aos colonos. Ele mudou sua fé e afiliação duas ou três vezes com uma facilidade que prova quão frouxos seus princípios eram. Por certo tempo atuou como secretário íntimo de Philip e conselheiro, gozando de sua generosidade e proteção. Entretanto, notando o acúmulo das nuvens da adversidade ao redor de seu patrono, abandonou seu cargo e passou para o lado dos brancos e, a fim de ganhar o favor destes, acusou seu antigo benfeitor de conspirar contra a segurança geral. Iniciou-se daí uma investigação rigorosa. Philip e vários de seus súditos foram submetidos a exame, embora nada pudesse ser provado contra eles. Os colonos, porém, haviam ido longe demais para poder retornar; já haviam previamente determinado que Philip era um vizinho perigoso, cuja desconfiança havia sido demonstrada em público. Então fizeram o suficiente para garantir sua hostilidade e, de acordo com o modo usual de se pensar tais casos, sua destruição tornara-se necessária para a segurança de todos. Sausaman, o informante traiçoeiro, pouco depois foi encontrado morto em um charco, vítima da vingança de sua tribo. Três indígenas, um deles amigo e conselheiro de Philip, foram presos e julgados, e sob testemunho de alguém muito questionável, condenados e executados como assassinos.

Philip sentiu seu orgulho dessacrado e suas paixões exasperadas com um tal tratamento de seus súditos e com a punição vergonhosa de um amigo. A seta que caíra a seus pés abriu-lhe os olhos para a tempestade que então se formava, e determinou que nunca mais confiaria no poder dos homens brancos. O destino de seu irmão insultado e desconsolado ainda revolvía em sua mente; e ele recebeu mais de um alerta por meio da história trágica de Miantonimo, um grande *sachem* dos Narragansetts, que, após virilmente confrontar seus acusadores em um tribunal dos colonos, eximindo-se de uma acusação de conspiração e recebendo confirmações de amizade, foi perfidiosamente descartado. Philip,

assim, ajuntou seus guerreiros ao redor de si, persuadiu todos os estrangeiros a apoiar sua causa, enviou as mulheres e crianças para os Narragansetts a fim de protegerem-nas e, onde quer que aparecesse, estava continuamente rodeado por guerreiros armados.

Assim, quando ambos os lados se puseram em estado de desconfiança mútua e irritação, a mais ínfima faísca foi suficiente para incendiá-los. Os indígenas, com armas em mãos, tornaram-se mais e mais revoltados e cometeram várias pequenas depredações. Em um de seus saques, um guerreiro foi alvejado e morto por um colono. Esse era o sinal para início das hostilidades; os indígenas tocaram a vingar a morte de seu companheiro, e o alarme da guerra ressoou pela colônia de Plymouth.

Nas antigas crônicas desses tempos obscuros e tristes encontramos muitas indicações do estado doentio em que a mentalidade coletiva se encontrava. A morbidez da abstração religiosa e a selvageria de sua situação em meio a florestas não trilhadas e tribos selvagens colocaram os colonos à disposição de fantasias supersticiosas, enchendo suas mentes das quimeras assustadoras da bruxaria e da espectrologia. Eles eram, além disso, muito dados à crença em profecias. Os problemas com Philip e seus índios foram precedidos, conta-se, por uma variedade de alertas terríveis que prognosticavam calamidades públicas grandiosas. O formato exato de um arco indígena apareceu no céu de Nova Plymouth, sendo encarado como uma "aparição prodigiosa" por seus habitantes. Em Hardley, Northampton, e outros vilarejos da vizinhança, "ouveu-se o relato de um grande projétil de canhão, causando com um tremor de terra eco considerável."¹¹ Outros foram surpreendidos, em uma manhã calma e ensolarada, pelo disparo de armas e mosquetes; as balas pareciam assoviar atrás deles, e o barulho dos tambores ressoava no ar, aparentemente indo para oeste. Outros imaginaram ouvir o galope de cavalos sobre suas cabeças, e certos nascimentos monstruosos que ocorreram naqueles tempos encheram os supersticiosos de certas cidades de conjeturas sombrias. Muitas dessas visões e sons portentosos podem ser atribuídos a fenômenos naturais — à aurora boreal, visível nessas latitudes; à explosão dos meteoros no ar; ao barulho casual de uma rajada de vento contra os cimos mais altos da floresta; ao som de árvores e pedras que despencam; e a demais sons e ecos incomuns que, por vezes, chegaram aos ouvidos de forma estranha na profunda calma e solidão daqueles bosques. Isso tudo deve ter pego a imaginação de alguns melancólicos de surpresa, e ter sido acentuado por certo

¹¹ História do reverendo Increase Mather (*nota de Washington Irving*).

gosto pelo fantástico que nos leva a ouvir tudo com uma avidez devoradora por aquilo que é temível e misterioso. A ampla circulação dessas fantasias supersticiosas, assim como o registro sério que foi feito delas por um dos homens estudados da época, marcam fortemente o caráter daqueles tempos.

A natureza do conflito que se instalou foi tal que, muito frequentemente, distingue a luta entre os homens civilizados e os selvagens. Da parte dos brancos, ela foi conduzida com habilidade superior e sucesso, mas quanto derramamento desnecessário de sangue e desconsideração pelos direitos naturais dos inimigos! Da parte dos indígenas, ela foi feita com a exasperação de homens que não temem a morte e que não têm nada a esperar da trégua senão humilhação, subjugação e declínio.

Os eventos da guerra foram transmitidos por um pastor valoroso da época, que enfatizou cada ato de hostilidade por parte dos indígenas — por mais justificáveis que fossem — com horror e indignação, ao passo que mencionou as atrocidades muito mais sanguinárias dos brancos em tom elogioso. Philip foi vilificado como um assassino e traidor, sem que se considerasse que ele nascera um príncipe, e lutava galantemente como líder de seus súditos para vingar os males cometidos contra sua família, de forma a recobrar o poder precário de sua linhagem e livrar sua terra natal da opressão dos usurpadores estrangeiros.

O projeto da rebelião geral e simultânea, se foi de fato feito, era digno de uma mente ampla e, não fosse descoberto prematuramente, poderia ter trazido consequências desastrosas. A guerra que realmente irrompeu foi uma guerra de pequenas operações, uma mera sucessão de façanhas casuais e empreitadas sem ligação entre si. Ainda assim, por meio dela o gênio militar e proeza de Philip foram reconhecidos, e independentemente do que dizem os relatos preconceituosos e exaltados que nos chegaram dos eventos, constatamos nele uma mente vigorosa, com abundância de meios, aversão pelo sofrimento e dificuldade, e com uma resolução irreprimível capaz de provocar nossa simpatia e arrancar nosso aplauso.

Tirado dos domínios de seus antepassados no monte Hope, ele se lançou às profundezas daquela floresta vasta e intransitada que circundava os povoados, praticamente inacessível senão para um animal selvagem ou para um indígena. Ali ele uniu suas forças, tal qual a tempestade acumula seu potencial de calamidade no seio de uma nuvem carregada, para emergir repentinamente nas horas e lugares menos esperados, levando destruição e horror para os vilarejos. Vez e outra haviam indicações dessas pilhagens iminentes que enchiam as mentes dos colonos de terror e apreensão. O relato de um disparo distante talvez

fosse ouvido do bosque solitário, onde se sabia não existir qualquer homem branco; o gado que estivesse vagando por aqueles ermos às vezes voltava para casa ferido; ou um ou dois indígenas eram vistos espreitando pelas margens das florestas e desaparecendo de repente, como o relâmpago às vezes é visto brincando silenciosamente na borda de uma nuvem que prepara uma tempestade.

Embora fosse perseguido e chegasse até mesmo a ser cercado pelos colonos, Philip sempre escapava de forma quase milagrosa dos obstáculos, e, imergindo na mata, dava-se por perdido a toda busca ou investigação até aparecer em um sítio distante, deixando para trás a terra desolada. Entre suas fortalezas estavam os grandes pântanos ou atoleiros que se estendem em algumas partes da Nova Inglaterra, compostos de charcos esparsos de lama negra e profunda, emaranhados com arbustos, espinheiros, ervas altas, destroços e troncos abandonados de árvores defuntas cobertos pela lúgubre cicuta. A rota incerta e os labirintos intrincados de tais paragens tornavam a passagem quase impossível para o homem branco, embora o indígena pudesse se enfiar ali com a agilidade de uma corça. Em um deles, o grande pântano de Pocasset Neck, Philip foi encurralado com um grupo de companheiros seus. Os ingleses não ousaram segui-lo, temendo aventurarem-se nesses recessos sombrios e terríveis, onde poderiam perecer em turfeiras e fossas lodosas, ou ainda serem abatidos por inimigos à espreita. Por isso, eles barraram a entrada do Neck, e ali começaram a construir um forte, com a ideia de fazer o inimigo morrer de fome; mas Philip e seus guerreiros, na calada da noite, flutuaram com uma canoa até um golfo ligado ao mar, deixando mulheres e crianças para trás, e escaparam para oeste, espalhando as chamas da guerra nas tribos dos Massachusetts e nas terras de Nipmucks, e pondo em risco a colônia de Connecticut.

Desse modo, Philip tornou-se alvo da apreensão geral. O mistério que lhe rodeava exagerava o quão terrível ele era verdadeiramente. Ele era um mal que caminhava nas trevas, cuja vinda não se podia prever, e contra que ninguém sabia quando estar alerta. Em todo o país abundavam rumores e sobressaltos. Philip parecia quase possuído de onnipresença, pois de qualquer parte da floresta da extensa fronteira que fosse, haviam rebelados que se diziam sob seu comando. Igualmente, muitas opiniões supersticiosas a seu respeito circulavam. Falava-se de seu envolvimento com necromancia, e de ele ser acompanhado por uma velha bruxa ou profetisa indígena, a quem consultava e pedia assistência para amarrações e encantamentos. Esse, de fato, era o caso freqüente com chefes indígenas, seja por sua credulidade ou em função da credulidade de seus seguidores; a influência do profeta

e do sonhador na superstição indígena foi plenamente comprovada em exemplos recentes de batalha selvagem.

No momento em que Philip executou sua fuga de Pocasset, sua situação era lastimável. Suas forças haviam diminuído após repetidos conflitos, e ele perdera quase todas suas provisões. Nesse tempo de adversidade ele encontrou um amigo fiel em Canonchet, chefe *sachem* de todos os Narragansetts. Ele era o filho primogênito de Miantonimo, o grande *sachem* que, como mencionado, após ser absolvido de forma memorável da acusação de conspiração, foi executado às escondidas sob instigações perfidiosas dos colonos. "Ele era o herdeiro," diz o antigo historiador, "de todo o orgulho e insolência de seu pai, assim como de sua malícia em relação aos ingleses;" ele certamente foi o herdeiro dos insultos e ataques feitos a sua pessoa, o legítimo vingador de seu assassinato. Embora tenha-se absterido de tomar parte ativa naquela guerra sem esperanças, ainda assim recebeu Philip e seus exércitos destroçados de braços abertos, dando-lhes a mais generosa aprovação e suporte. Isso fez com que a hostilidade dos ingleses imediatamente voltasse contra si, e foi determinada a execução de um ataque que reduziria ambos os *sachems* à ruína. Um grande exército, portanto, foi reunido em Massachusetts, Plymouth e Connecticut, e enviado para o país dos Narragansetts no meio do inverno, quando os pântanos, congelados e desfolhados, podiam ser atravessados com relativa facilidade, e não mais dispunham de escuridão e impenetrabilidade tão vantajosa aos indígenas.

Canonchet, apreensivo do ataque, havia conduzido a maior parte de seus bens, junto com seus velhos, enfermos, mulheres e crianças da tribo para uma potente fortaleza, onde ele e Philip igualmente concentraram o cerne de suas forças. A fortaleza, considerada impenetrável pelos indígenas, era situada sobre um monte ascendente ou uma espécie de ilha de cinco ou seis acres, no meio de um pântano; foi construída com um grau de prudência e habilidade superior ao que geralmente se via em fortificações indígenas, e que dava provas do gênio marcial dos dois chefes.

Os ingleses, guiados por um índio renegado, penetraram o forte em meio às nevascas de dezembro, pegando sua guarnição de surpresa. A batalha foi feroz e conturbada. Os agressores foram repelidos em seu primeiro ataque, e muitos de seus oficiais mais valentes abatidos de espada na mão durante a tomada do forte. Uma nova tentativa de ataque obteve mais sucesso. Os ingleses logo adquiriram maior estabilidade e os indígenas foram conduzidos de um posto ao outro. Estes lutavam com fúria exaltada por cada polegada de

suas terras. A maioria de seus veteranos foram reduzidos aos pedaços, e após um confronto longo e sangrento, Philip e Canonchet, junto a um bocado de guerreiros sobreviventes, bateram em retirada da fortaleza, refugiando-se nos matagais da floresta circundante.

Os vencedores incendiaram os wigwams e a fortaleza; tudo em breve ardia em chamas; muitos dos velhos, mulheres e crianças morreram no incêndio. Esse último disparate foi o bastante para aquebrantar o estoicismo dos selvagens. Matas vizinhas ressoavam os gritos de ódio e desespero dos guerreiros fugitivos, uma vez que eles contemplavam a destruição de seus abrigos e ouviam os choros de agonia de suas esposas e prole. "O incêndio dos wigwams," disse um escritor da época, "os guinchos e choro das mulheres e das crianças, os gritos dos guerreiros, tudo constituiu a cena mais horrível e impactante, ao ponto de alguns soldados sentirem-se comovidos." O mesmo escritor adiciona, com cautela, "Eles tinham muitas dúvidas então, e logo depois perguntaram-se seriamente se queimar os inimigos vivos era consistente com o ideal de humanidade e com os princípios benevolentes do Evangelho."¹²

O destino do valente e generoso Canonchet é particularmente digno de menção: o último evento de sua vida é um dos exemplos mais nobres registrados da magnanimidade indígena.

Destituído de seu poder e recursos por essa derrota notável, ainda que fiel a seu aliado e à causa desafortunada a que aderira, rejeitou todas as negociações de paz oferecidas sob a condição de que traísse Philip e seus sequazes, declarando que "lutaria até o último homem antes de se tornar um serviçal dos ingleses". Tendo sua casa destruída, seu país sitiado e devastado pelas incursões dos conquistadores, ele foi obrigado a vaguear pelas margens do rio Connecticut, onde formou um ponto de encontro para todo o corpo de indígenas ocidentais e devastou inúmeros povoados ingleses.

No início da primavera, ele partiu em uma expedição arriscada com apenas trinta homens escolhidos a dedo para invadir Seaconck, nas vizinhanças do monte Hope, e adquirir sementes para alimentar suas tropas. Este punhado de aventureiros passou com segurança pelo país dos Pequods, mas enquanto descansavam em alguns wigwams próximos ao rio Pautucket, no coração da nação Narragansett, um alerta de inimigos foi acionado.

¹² Manuscritos do reverendo W. Ruggles (*nota de Washington Irving*).

Canonchet, tendo apenas sete de seus homens junto a si, despachou dois deles para o topo de uma colina próxima para coletar informações do adversário.

Apavorados pela aparição de uma tropa de ingleses e indígenas em rápido avanço, passaram reto por seu chefe, ofegantes, sem parar para informá-lo dos perigos. Canonchet enviou uma nova escolta, que fez o mesmo. Então enviou mais duas, uma das quais, retornando velozmente em confusão e pânico, contou-lhe que todo o exército britânico estava próximo. Canonchet viu não ter nenhuma escolha senão a fuga imediata. Ele tentou escapar pelas beiradas da colina, mas foi identificado e ferozmente perseguido por índios inimigos e uns poucos ingleses mais ágeis. Vendo seu perseguidor mais veloz em seu encalço, atirou primeiro seu manto, então um casaco argênteo e um cinto de contas, por meio dos quais seus inimigos o reconheceram como Canonchet, redobrando a avidez da caçada.

Finalmente, seu pé escorregou em uma pedra enquanto atravessava o rio, fazendo que caísse e molhasse seu mosquete. Esse acidente encheu-o com tanto desespero que, conforme admitiu mais tarde, "seu coração e entranhas reviraram-se, e sentiu-se destituído de forças como uma estaca podre."

Ele estava enervado a ponto de ser capturado por um índio Pequod, não longe do rio, sem oferecer resistência, ainda que fosse um homem de grande vigor corporal e valentia. Ao tornar-se prisioneiro, todo orgulho aflorou dentro de si, e desse momento em diante nos deparamos, nas anedotas contadas por seus inimigos, com nada além de repetidos lampejos de heroísmo elevado e principesco. Uma vez questionado por um dos primeiros ingleses que lhe sobrevieram, e que não tinha atingido seu vigésimo segundo ano de vida, o guerreiro orgulhoso fitou-lhe o semblante jovial com descaso, dizendo: "Você é uma criança — você não entende assuntos de guerra; deixe que seu irmão ou chefe venha: eu responderei a eles."

Apesar das repetidas ofertas feitas a favor de sua vida, sob a condição de que se submetesse com sua nação aos ingleses, rejeitou-as com desdém, recusando-se a enviar quaisquer propostas do tipo para seus muitos súditos, afirmando que nenhum deles aquiesceria. Ao ser repreendido pela quebra de contrato com os brancos — por sua afirmação de que não apenas não entregaria um Wampanoag, como também nem um pedacinho da unha de um Wampanoag que fosse —, e também por ter ameaçado queimar os ingleses vivos em suas casas, não quis se justificar, soberbamente respondendo que outros além dele foram propensos à guerra, e que "ele não queria mais ouvir sobre isso".

Um espírito tão nobre e inabalável, de lealdade tão legítima para com sua causa e aliados, deve ter tocado os sentimentos dos generosos e valentes. Mas Canonchet era um indígena, um ser para o qual a guerra não estendia qualquer cortesia, a humanidade qualquer lei, a religião qualquer compaixão: e ele foi condenado à morte. Suas últimas palavras foram registradas e fazem jus à grandeza de seu espírito. Uma vez que sua sentença de morte foi declarada, ele observou que "a desejava, pois deveria morrer antes de seu coração amolecer ou de falar alguma coisa indigna de si próprio". Seus inimigos lhe deram uma morte de soldado, e ele foi fuzilado em Stoningham por três jovens *sachems* de sua própria patente.

A derrota no forte Narraganset e a morte de Canonchet foram os golpes fatais no destino do rei Philip. Ele fez uma tentativa fracassada de formar uma milícia instigando os Mohawks a pegarem em armas; mas, embora possuidor de talentos inatos de um estadista, seus dons malograram perante os dons superiores de seus inimigos ilustrados, e o pavor da habilidade bélica destes começaram a quebrantar a decisão das tribos vizinhas. O infeliz chefe viu seu poder de luta diminuir a cada dia, e suas fileiras ao redor de si rapidamente dissolverem. Alguns foram isolados pelos brancos; outros sucumbiram, vítimas da fome, da fadiga e dos frequentes assaltos com que eram afligidos. Todo seu estoque de alimentos foi saqueado; seus amigos seletos foram arrebatados perante seus olhos; seu tio, fuzilado a seu lado; sua irmã, levada cativa; e em uma de suas fugas rápidas foi necessário deixar para trás sua amada esposa e filho único à misericórdia do inimigo. "Embora sua ruína," diz o historiador, "tenha decorrido gradualmente, nem por isso sua miséria foi menor, mas maior. Enfim, teve de experimentar o sentimento de ver seus filhos aprisionados, seus amigos perdidos, seus súditos massacrados, sua linhagem familiar descontinuada, e de ser desnudado de todos os consolos exteriores antes que a própria vida lhe fosse tirada."

Para completar sua infelicidade ainda mais, seus próprios companheiros começaram a conspirar contra sua vida, para, ao sacrificá-lo, garantirem para si uma segurança desonrosa. Por meio de traição, um grande número de seus fiéis seguidores, os súditos de Wetamoe — princesa indígena de Pocasset, uma parente próxima e confederada de Philip — foram entregues às graças dos inimigos. Wetamoe encontrava-se no meio deles nesse momento, e tentou escapar cruzando um rio próximo. Seja pela exaustão de nadar ou em função da fome e do frio, foi encontrada morta e nua perto das margens. Mas, mesmo no túmulo, sua perseguição não encontrou fim. A morte, refúgio do infeliz, perante o qual os perversos geralmente desistem de ir além, não foi o bastante para proteger essa mulher

perseguida, cujo grande crime havia sido a lealdade afetuosa por seu parente e amigo. Seu cadáver foi alvo de vingança desumana e covarde; a cabeça foi separada do corpo e posta em uma estaca, sendo assim exposta em Taunton aos olhos de seus súditos cativos. Estes imediatamente reconheceram os traços da rainha desafortunada, e ficaram tão comovidos com este espetáculo bárbaro que, como nos foi noticiado, rebentaram nas "mais horríveis e diabólicas lamentações".

Apesar de Philipp ter suportado os apertos e tristezas combinados que lhe atingiam de todos os lados, a traição de seus companheiros feriu seu coração e o relegou ao abatimento. Diz-se que "ele nunca mais se alegrou novamente, nem obteve sucesso em qualquer de seus planos". A fonte de suas esperanças estava rompida – o ardor do espírito de empreendimento extinguido; ele mirava ao seu redor e tudo era perigo e escuridão; não havia um olhar para compadecer-se dele, nem um braço para apoiá-lo. Com um bando esparso de companheiros que lhe permaneciam fiéis apesar de sua situação desesperadora, o infeliz Philip caminhou de volta para a região do monte Hope, antigo lar de seus antepassados. Ali, espreitou feito um fantasma por dentre cenas de seu antigo poder e prosperidade, do lar, família e amigos dos quais fora despojado. Não precisamos de melhor quadro de sua situação desamparada e digna de piedade do que aquele deixado pelo historiador que, sem querer, apelou para os sentimentos de seus leitores ao mesmo guerreiro miserável que ele próprio, em outro canto, vilifica. "Philip," diz, "como um animal selvagem, após ser caçado de lá para cá pelas tropas inglesas por mais de cem milhas na floresta adentro, finalmente foi conduzido a seu próprio esconderijo no monte Hope, em cujo pântano se escondia com seus melhores amigos, e que provou ser nada além de uma prisão em que era mantido até que os mensageiros da morte viessem por ordem divina e executassem sua vingança."

Mesmo neste último refúgio de tristeza e desespero uma magnanimidade tristonha paira sobre sua lembrança. Nós o imaginamos sentado entre companheiros desgastados pela ansiedade, refletindo em silêncio acerca de seu infortúnio, e ascendendo à sublimidade em meio à selvageria e terror de seu recesso. Abatido, mas não desmoralizado – espezinhado, mas não humilhado –, parecia se tornar mais orgulhoso sob a iminência do desastre, e sentir uma satisfação feroz ao sorver as últimas gotas da amargura. Mentas pequenas se deixam domar e subjugar pela má sorte, ao passo que as grandes erguem-se para além dela. A própria ideia de submissão despertou a fúria de Philip, e golpeou um de seus seguidores até a morte quando este propôs um acordo de paz. O irmão da vítima escapou, e por vingança

revelou o local de refúgio do chefe. Um bando de homens brancos e índios foi imediatamente enviado para o pântano onde Philip se escondia, radiante de fúria e desespero. Começaram a rodeá-lo antes que ele notasse sua chegada. Em breve, viu cinco de seus companheiros mais leais mortos a seus pés; toda resistência era em vão; ele tocou para seu abrigo e fez uma tentativa temerária de fuga, mas foi atingido no coração pela bala de um índio renegado de sua própria tribo.

Esta é a singela estória do bravo, mas desafortunado rei Philip, perseguido enquanto vivo, difamado e desonrado quando morto. Se, contudo, considerarmos mesmo as anedotas preconceituosas relegadas por seus inimigos, podemos perceber nelas traços de caráter amável e elevado, suficientes para despertar nossa simpatia por seu destino e respeito por sua memória. Descobrimos que, em meio às preocupações e paixões selvagens da guerra ininterrupta, ele era receptivo a sentimentos amistosos de amor conjugal e ternura paternal, assim como para um sentimento generoso de amizade. A prisão de sua "amada esposa e filho único" são mencionados com júbilo, como algo que lhe causou uma dor pungente: a morte de qualquer amigo próximo foi registrada triunfalmente como um golpe contra a sensibilidade; mas a traição e deserção de muitos de seus companheiros, com cuja lealdade contava, diz-se ter-lhe dilacerado o coração, e roubado qualquer paz interior dali em diante. Ele foi um patriota, ligado a sua terra natal – um príncipe leal a seus súditos e indignado com os erros que cometiam –, um soldado ousado na batalha, firme na adversidade, resistente à fadiga, à fome, e a toda variedade de sofrimento físico, além de pronto para morrer pela causa a qual se dedicava. De coração corajoso e com um amor indomável pela liberdade natural, preferiu deleitar-se junto às criaturas da floresta ou nos recessos de pântanos e charcos, em vez de curvar o espírito altivo em submissão para viver dependente e desprezado no conforto e luxo dos povoados. Dotado de qualidades heroicas e provas de valentia que haveriam feito a honra de um guerreiro no mundo civilizado — e feito de si um tema digno dos poetas e dos historiadores —, viveu como um peregrino e fugitivo em sua terra natal, submergindo, como uma barca à deriva em meio a escuridão e tempestade, sem um olhar piedoso para chorar sua queda ou uma mão amiga para registrar sua batalha.



REFERÊNCIAS

ANTELYES, Peter. **Tales of adventurous enterprise**. Washington Irving and the poetics of western expansion. New York: Columbia University Press, 1990.

IRVING, Washington. "Philip of Pokanoket: an Indian memoir". In: **The Works of Washington Irving**. Fulton Edition, vol. 5: Sketch Book. Abbotsford. New York: The Century Co., 1910, p. 300–319.

LEPORE, Jill. **The Name of War**. King Philip's War and the origins of American identity. New York: Alfred A. Knopf, 1999.

MATHER, Cotton. **Magnalia Christi Americana**: or, the Ecclesiastical History of New-England from its First Planting in the Year 1620 unto the Year of our LORD, 1698. London: Thomas Parkhurst, 1702. Disponível em: <https://books.google.de/books?id=GNBDAAAACAAJ>. Acesso em: 18 out. 2015.

MATHER, Increase. **A Brief History of the Warre with the Indians in Nevv-England**. Boston, 1676. Versão facsímile editada por Paul Royster. Disponível em: <http://digitalcommons.unl.edu/libraryscience/31>. Acesso em: 11. Set. 2016.

SCOFIEL, Martin. **The Cambridge Introduction to the American short story**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SLOTKIN, Richard & FOLSOM, James K. (ed.) **So Dreadfull a Judgement**. Puritan responses to King Philip's War. 1676–1677. Middletown: Wesleyan University Press, 1978.

WILLIAMS, Stanley T. **The Life of Washington Irving**. Volume 1. New York: Oxford University Press, 1935.

ZAPF, Hubert (ed.) **Amerikanische Literaturgeschichte**. Stuttgart / Weimar: J. B. Metzler, 2010.